

IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO ONTOGENÉTICO: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

IMAGINATION AND CREATION IN ONTOGENETIC DEVELOPMENT: CONTRIBUTIONS FROM THE HISTORICAL-CULTURAL THEORY

IMAGINACIÓN Y CREACIÓN EN EL DESARROLLO ONTOGENÉTICO: CONTRIBUCIONES DESDE LA TEORÍA HISTÓRICO-CULTURAL

Fabrício Santos Dias de Abreu¹

Patrícia Lima Martins Pederiva²

Resumo: As teorizações sobre a gênese do processo de organização da atividade consciente do ser humano são uma marca nos escritos de L. S. Vigotski (1896-1934). No curso do desenvolvimento da consciência, a imaginação – entendida como atividade complexa – caracteriza-se como um sistema psicológico de relações interfuncionais que ocupa centralidade e ganha contornos específicos ao longo da ontogênese. Neste artigo revistamos a obra vigotskiana com o objetivo de analisar o desenvolvimento e os contornos dos processos imaginativos ao longo da infância e da adolescência (períodos ontogenéticos estudados pelo autor). Defendemos que condição humana, essencialmente e ontologicamente, se vincula aos processos imaginativos, pois ao criar estratégias intencionais de sobrevivência e ação sobre a natureza o indivíduo torna-se capaz de operar psiquicamente por meio da produção, reprodução e criação de imagens.

Palavras-chave: Imaginação. Criação. Teoria Histórico-Cultural. L.S. Vigotski.

Abstract: Theorizations about the genesis of the process of organizing the conscious activity of human beings are a mark in the writings of L. S. Vigotski (1896-1934). In the course of the development of consciousness, imagination – understood as a complex activity – is characterized as a psychological system of interfunctional relationships that occupies a central position and gains specific contours throughout ontogenesis. In this article, we review the Vygotskian work with the aim of analyzing the development and contours of imaginative processes throughout childhood and adolescence (ontogenetic periods studied by the author). We argue that the human condition, essentially and ontologically, is linked to imaginative processes, as by creating intentional strategies

¹ Mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade de Brasília (UnB), pedagogo e doutorando em Educação pela mesma instituição. Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e do Centro Universitário Estácio de Brasília. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas (GEPPE) e coordenador do Círculo Vigotskiano – Grupo de Estudos em Teoria Histórico-Cultural. E-mail: fabra201@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3055-5704>.

² Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UnB), musicista pela mesma instituição, mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Professora da Faculdade de Educação (FE), da Universidade de Brasília, coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas (GEPPE). E-mail: pat.pederiva@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4434-6671>.

for survival and action on nature, the individual becomes capable of operating psychically through the production, reproduction and creation of images.

Keywords: Imagination. Creation. Historical-Cultural Theory. L.S. Vygotsky.

Resumen: Las teorizaciones sobre la génesis del proceso de organización de la actividad consciente de los seres humanos son una marca en los escritos de L. S. Vigotski (1896-1934). En el curso del desarrollo de la conciencia, la imaginación, entendida como una actividad compleja, se caracteriza como un sistema psicológico de relaciones interfuncionales que ocupa una posición central y gana contornos específicos a lo largo de la ontogénesis. En este artículo revisamos el trabajo vygotkiano con el objetivo de analizar el desarrollo y los contornos de los procesos imaginativos a lo largo de la infancia y la adolescencia (períodos ontogenéticos estudiados por el autor). Sostenemos que la condición humana, esencial y ontológicamente, está ligada a procesos imaginativos, ya que al crear estrategias intencionales de supervivencia y acción sobre la naturaleza, el individuo se vuelve capaz de operar psíquicamente a través de la producción, reproducción y creación de imágenes.

Palabras-clave: Imaginación. Creación. Teoría histórico-cultural. L.S. Vygotsky.

Introdução

As teorias sobre a gênese do processo de organização da atividade consciente do ser humano são uma marca nos escritos de L. S. Vigotski (1896-1934), principal precursor da Teoria Histórico-Cultural. Interessa ao autor bielorrusso estabelecer bases epistemológicas capazes de explicar a passagem do ser natural (orgânico) para o simbólico-cultural, principalmente no que tange a especificidade humana de assumir os fios que tecem a sua história e conduzem sua evolução. No curso do desenvolvimento da consciência, a imaginação – entendida como atividade complexa – caracteriza-se como um sistema psicológico de relações interfuncionais (VIGOTSKI, 1998) que implica a participação de “várias funções em suas peculiares relações” (VIGOTSKI, 1998, p. 198). Essa questão é bastante debatida ao longo de sua produção intelectual (VIGOTSKI, 1998, 2003, 2008, 2009), porém é em uma publicação de 1930, intitulada *Imaginação e criação na infância*³ (2009) – organizado a partir de suas palestras para professores – que o tema ganha destaque e assume contornos de uma operação exclusiva e essencialmente humana marcada por processos simbólicos complexos.

A Teoria Histórico-Cultural, ancorada principalmente em problematizações da fase final da vida de Vigotski (1998)⁴, assevera que a imaginação não pode ser enquadrada

³ Esta obra é bastante influenciada pelos estudos do francês Théodule-Armand Ribot (1839-1916), principalmente pelas discussões contidas no “*Essai sur l’imagination créatrice*” (RIBOT, 1908).

⁴ A obra “*O desenvolvimento psicológico na infância*” foi organizada a partir de transcrições taquigráficas de conferências ministradas por Vigotski entre março e abril de 1932 no Instituto Pedagógico Superior de Lenigrado, dois anos antes da sua morte e em estágio avançado da tuberculose.

enquanto uma função psicológica superior, pois “deve ser considerada uma forma mais complicada de atividade psíquica” (p.127) já que mantém união, conexões e relações interfuncionais com a emoção, linguagem, pensamento etc. Devido a sua complexidade, “que superam os limites dos processos que costumamos chamar de funções, seria correto utilizar a denominação de sistema psicológico⁵, tendo em conta sua complicada estrutura funcional” (VIGOTSKI, 1998, p. 127). A partir disto, torna-se mister entender os processos de organização da imaginação e da criação ao longo da ontogênese e suas implicações na constituição subjetiva das pessoas. Neste artigo revistamos a obra vigotskiana com o objetivo de analisar o desenvolvimento dos processos imaginativos ao longo da infância e da adolescência (períodos ontogenéticos estudados pelo autor). Na infância a brincadeira, máxima expressão dos processos imaginativos nesta fase do desenvolvimento, apresenta-se como elemento central para emergência de complexos processos de funcionamento abstrato, de elaboração e ampliação das competências imaginativas e linguísticas, pois permite à criança agir além de suas competências habituais e de seu comportamento cotidiano. Na adolescência, por sua vez, a imaginação se intelectualiza, devido a reorganização do pensamento que passa a operar por meio de conceitos.

Imaginação e atividade criadora nos estudos de L. S. Vigotski

3

A atividade criadora⁶, de acordo com Vigotski (2009), vincula-se ao ineditismo daquilo que se produz através de mecanismos conscientemente concebidos mentalmente, podendo ser instrumentos, signos ou sentimentos. Ou seja, a criação não se vincula apenas à produção de artefatos ou produtos, mas também assume uma dimensão intrapsicológica que marca as formas do afeto e da regulação do comportamento do humano. Na mesma linha, Rubinstein (1973) assevera que a imaginação se encontra em: “qualquer acto de criação artística e em qualquer sentimento autêntico, em qualquer pensamento abstrato que se eleva sobre o imediatamente dado, em qualquer ação que de algum modo modifique o mundo” (p. 106), ou ainda, “em qualquer humano que pensando, sentindo e actuando traga à vida nem que seja apenas um pequeno grão de algo novo, de original” (p. 106).

⁵ Essa questão pode ser aprofundada em “Sobre os sistemas psicológicos” (VIGOTSKI, 1996).

⁶ Imaginação e criação (atividade criadora) encontram-se em íntima relação conforme explica Petrovsky (2017): “a imaginação é um elemento necessário para a atividade criadora da pessoa que se expressa na construção da imagem dos produtos do trabalho e que assegura a criação do programa de conduta quando a situação problemática caracteriza-se por sua indeterminação” (p. 181-182).

Ao analisar o comportamento humano da criação, Vigotski (2009) e Rubinstein (1973) diferenciam dois tipos de atividade, a saber: reconstituidora-reprodutiva e criadora-combinatória. A primeira relaciona-se à memória tendo um caráter que se aproxima da reprodução. Organiza-se a partir do acesso às marcas e impressões deixadas no ser humano através das suas vivências e daquilo que já existe no universo cultural, assim “sua essência consiste em reproduzir ou repetir meios de conduta anteriormente criados e elaborados ou ressuscitar marcas de impressões precedentes” (VIGOTSKI, 2009, p. 11). Essa forma de lembrança, ou seja, de operar com as imagens mentais, encontra-se amalgamado à memória e permite a conservação da experiência anterior – de forma direta ou mediada – facilitando a adaptação e inserção no mundo. Essa atividade só ocorre devido a plasticidade⁷ cerebral, que é a capacidade da substância nervosa de alterar e também preservar as marcas-registros dessas modificações.

Para explicar essa premissa, Vigotski (2009) utiliza o exemplo de uma folha de papel e expõe que no cérebro acontece algo similar ao ato de dobrá-la ao meio. No local onde o vinco foi feito permanece a marca da modificação e, num simples manejo, há uma predisposição para que a dobradura se repita no mesmo lugar. A partir dessa analogia se pode dizer que “nosso cérebro mostra-se um órgão que conserva nossa experiência anterior e facilita sua reprodução” (VIGOTSKI, 2009, p. 13).

Apesar de sua importância para o funcionamento psíquico, a atividade reprodutiva não é capaz de dar conta das demandas internas e externas impostas às pessoas, principalmente pelo trabalho social⁸, pois volta-se para o passado e para a reprodução. Se os sujeitos fossem regidos unicamente por essas características, o futuro seria uma mera duplicação adaptativa do passado sem avanços. Essa noção de atividade criadora, referendada pela velha psicologia,

⁷ Vigotski (2003) explica que a plasticidade constitui uma das propriedades fundamentais e primárias de toda a matéria e que se organiza entorno de três características básicas: 1) capacidade de transformar a disposição das partículas; 2) conservar os indícios da modificação; e, 3) tendência em reproduzir as marcas deixadas pela modificação. O autor assevera que a substância nervosa é a mais plástica dentre as conhecidas na natureza e é a única que pode desenvolver a capacidade para transformações, conservação da experiência e predisposição para a reprodução, esses elementos são a base para a memória.

⁸ Para explicar as peculiaridades que tangenciam a experiência do indivíduo no mundo é necessário ir as suas fontes histórico-culturais de atividades, que de acordo com Luria (1991) se relaciona com o trabalho social, que desencadeou o emprego de instrumentos, a organização coletivo-social e o surgimento da linguagem. Defendem Marx e Engels (2009) que “são os homens que desenvolvem a sua produção material e o seu intercâmbio material que, ao mudarem essa sua realidade, mudam também o seu pensamento e os produtos de seu pensamento” (p. 32). Portanto, é na atividade de produção, de transformação intencional da natureza, mediada pelo trabalho, que os indivíduos modificam radicalmente sua realidade objetiva e, consequentemente, sua subjetividade e seus modos de pensar, agir e sentir, etc. Assim, o ser humano é a única espécie (até então) que foi capaz de “transformar a natureza para criar seu próprio meio em função de objetivos previamente definidos por ele e que, ao fazê-lo, transforma a ele mesmo, assumindo o controle da própria evolução” (PINO, 2005, p. 30).

baseada em “combinações associativas de impressões acumuladas anteriormente” (VIGOTSKI, 1998, p. 107), não era capaz de explicar o grande salto qualitativo que permitiu ao ser humano constituir as funções psicológicas superiores – tipicamente humanas.

Para transformar a natureza e a si mesmo, criando suas condições de existência, foi necessária a emergência de uma forma de atividade humana que tivesse como resultado a criação de novas imagens e ações, guiadas por um comportamento criador ou combinatório. Assim, “enquanto a reprodução é o traço fundamental da memória, a transformação do reproduzido é característico da imaginação. Imaginar algo significa transformá-lo” (RUBINSTEIN, 1973, p. 97). A característica fundamental da memória é a “renovação das imagens em sua aproximação máxima ao padrão” (PETROVSKY, 2017, p. 186), já a da imaginação é “transformar as representações (as imagens), que, como resultado, asseguram a criação de um modelo de uma situação verdadeiramente nova” (PETROVSKY, 2017, p. 186). Memória e imaginação, portanto, estão entrelaçadas, pois essa opera a partir de “transformações das representações e a criação de novas imagens sobre a base das existentes” (PETROVSKY, 2017, p. 186).

Essa forma de conduta engendra uma nova organização psíquica que “faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente” (VIGOTSKI, 2009, p. 14). Tal comportamento denomina-se imaginação ou fantasia e baseia-se na capacidade de combinação cerebral, por meio da criação de novas imagens. Essa forma de atividade psíquica humana “não repete em formas e combinações iguais impressões isoladas, acumuladas anteriormente, mas constrói novas séries, a partir das impressões anteriormente acumuladas” (VIGOTSKI, 1998, p. 107). O humano, por excelência, é um ser atuante no mundo, não apenas o observa e o reconhece, mas modifica-o e transforma-o a partir de suas necessidades e intenções. “Para se poder transformar a realidade na prática deve saber-se também transformá-lo mentalmente. Essa exigência é cumprida pela imaginação” (RUBINSTEIN, 1973, p. 97). Portanto, essa atividade consciente vincula-se diretamente à capacidade de ação-modificação do mundo, “de transformar ativamente a realidade e criar algo novo” (RUBINSTEIN, 1973, p.97).

A diferença básica entre a imaginação e a reprodução consiste no fato de suas relações serem diametralmente distintas com a realidade. As imagens mnemônicas representam uma reprodução da experiência, pois compete a memória “conservar o mais fielmente possível os resultados da experiência; e a da imaginação, em transformá-la” (RUBINSTEIN, 1973, p. 98). Vigotski (2009) explica que o cérebro, além de exercer as funções de conservação e

reprodução da experiência, também é capaz de, a partir desses elementos, recombina-los e reelaborá-los de forma criadora, fazendo emergir novos comportamentos e atividades. É importante frisar, conforme faz Leontiev (1980), que as funções desempenhadas pelo cérebro não são inatas, mas possuem a capacidade filogenética de, a partir da apropriação da cultura, manifestar os sistemas funcionais cerebrais que representam o produto do desenvolvimento histórico da humanidade.

A imaginação organiza-se sempre tomando por base os elementos acessados na realidade concreta e presentes na experiência antecedente do sujeito. A imaginação, portanto, tem as suas bases no material produzido pelo acúmulo das experiências (direta ou mediada) que o indivíduo acessa em sua vida. Para Vigotski (2009) quanto mais rico e diversificado forem os intercâmbios que o sujeito trava no mundo da cultura, mais variado será o seu repertório para compor as atividades criadoras. Em síntese: “quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação” (VIGOTSKI, 2009, p. 22). Para criar a emblemática Emília, por exemplo, Monteiro Lobato, em seu processo criador, valeu-se da combinação de elementos reais (boneca de pano e características tipicamente humanas) que, amalgamados, se transformam em um componente fantástico inédito (a boneca-gente, que virou marquesa, tagarela e questionadora). Outro exemplo poderia ser da estatueta, datada de cerca de 32 mil anos atrás, do homem-leão (ou mulher-leoa) encontrada em 1939, em uma caverna da Alemanha, composta por um corpo humano (bípede) com uma cabeça de leão. A capacidade cognitiva de fazerem novas combinações a partir dos elementos acessados pela memória representa um processo criador que culmina em algo novo, que vai além da mera reprodução. “É essa capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação” (VIGOTSKI, 2009, p. 17).

A imaginação, dessa forma, manifesta-se em todos os aspectos da vida em sociedade, perpassando a arte, a ciência e a técnica. Tudo que nos rodeia e tem a marca da invenção humana, ou seja, o mundo da cultura organizado a partir das demandas e orientações dos seres humanos são produtos da imaginação e da atividade criadora e foram, antes de mais nada, “construções erigidas na mente, por meio de novas combinações ou correlações” (VIGOTSKI, 2009, p. 14). Ainda nessa linha, Rubinstein (1973) explica que na imaginação “as imagens formam-se de acordo com os objetivos da consciente atividade criadora do homem” (p. 104).

Vigotski interessa-se por entender as atividades imaginativas e criadoras a partir de sua processualidade e em uma dimensão coletiva e anônima. Assim, os produtos, frutos da

invenção humana, que compõem o arcabouço material do saber acumulado, carregam a história da técnica e são o resultado de *diversas imaginações*, se assim podemos dizer. O martelo, por exemplo, desde a ideia primitiva da junção da pedra ao porrete sofreu inúmeras modificações até chegar ao produto com múltiplas funcionalidades e derivações que se apresenta hoje, sem perder a essência inicial. Sobre isso, Leontiev (1980) explica que o instrumento de trabalho não é um simples utensílio, mas manifesta-se “como um objeto no qual se gravam modos de ações, operações do trabalho socialmente elaboradas” (p. 168). Ao atribuir essa dimensão histórica às invenções “podemos dizer que todos os objetos da vida cotidiana, sem excluir os mais simples e comuns, são imaginações cristalizadas” (VIGOTSKI, 2009, p. 15).

Percebe-se que, nesta perspectiva teórica, a imaginação – que pelo senso comum ainda é considerada da ordem do devaneio, da ilusão e do incontrolável – tem seu estatuto modificado ao ocupar a centralidade da constituição das pessoas, através de seu papel primordial na atividade intrapsicológica, e nas relações sociais de produção entre as pessoas. Outro avanço importante está na crítica de Vigotski ao entendimento de que a criação seria dom de alguns poucos eleitos, como Mozart ou Newton, ou estaria apenas restrita aos grandes feitos ou obras; naquilo que se equaciona como belo, extraordinário e economicamente rentável.

O autor rompe drasticamente com a noção de que a criação se vincula essencialmente a dons individuais ou a produtos grandiosos e defende que essa “não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas por toda parte em que o ser humano imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho, se comparado a criação dos gênios” (VIGOTSKI, 2009, p. 15). A ênfase da discussão está na atividade criadora enquanto um processo anônimo, coletivo, e sem mensuração de extraordinariedade, pois é fruto da experiência coletiva entre os indivíduos travados cotidianamente na cultura que se materializa, em suma, na criação de elementos novos no real.

Portanto, a “criação é o destino de todos (...) ela também é uma companheira normal e constante do desenvolvimento infantil” (VIGOTSKI, 2009, p. 51). É na brincadeira, por exemplo, que a criança expressa suas potencialidades imaginativas, ao articular o real com a fantasia. Quando brincam, desenham, narram, etc. elas revelam refinadas atividades psicológicas e demonstram a íntima relação entre cultura, imaginação e criação.

A brincadeira como a máxima expressão dos processos imaginativos na infância

Explica o autor (VIGOTSKI, 2008; 2009) que é na idade entre três e sete anos, chamada por ele de pré-escolar, que a brincadeira se torna a principal linha do desenvolvimento infantil, esclarecendo que a sua gênese se encontra na necessidade, desejos e motivações de a criança apropriar-se dos elementos culturais a partir de suas percepções da sociedade que a rodeia. A necessidade, o desejo e as motivações, nessa conjuntura, agem como impulsionadoras da ação criadora, pois “tudo que se desenvolve se desenvolve por necessidade” (VIGOTSKI, 2006, p. 282).

Se é pela força da necessidade que o homem passou a agir intencionalmente sobre a natureza, modificando a ela e a si mesmo (MARX; ENGELS, 2009) e também pela necessidade de ação sobre o mundo que a criança brinca. Para Vigotski (2008), na infância surgem necessidades e impulsos específicos que são importantes para o desenvolvimento e que conduzem diretamente à brincadeira. As crianças querem agir diretamente sobre o mundo, porém, devido às suas limitações orgânicas e pela organização adultocêntrica dos espaços sociais, ocorrem impedimentos que freiam esses desejos, que são reconfigurados por meio do brincar de faz de conta. Elas querem fazer uma viagem espacial, cuidar de um bebê, dirigir um caminhão, mas esses desejos não podem ser realizados de forma objetiva e, por isso, utilizam a imaginação para criarem narrativas, cenários, objetos, desenhos etc. que passam a compor o enredo lúdico que permite o acesso ao mundo, até então, intangível.

Na brincadeira de faz de conta, de acordo com Mukhina (1995), a criança satisfaz seus desejos de acesso e atuação no universo adulto, por isso “reproduz as relações e as atividades de trabalho dos adultos de forma lúdica” (p. 155). Na brincadeira de polícia e ladrão, tão comum na cultura brasileira, a criança deseja atirar, manusear uma arma, ter a desenvoltura de um policial tal qual nos filmes, porém essas ações são impossíveis dentro da sua cultura, por isso brinca. “É disso que surge a brincadeira, que deve sempre ser entendida como uma realização imaginária e ilusória de desejos irrealizáveis” (VIGOTSKI, 2008, p. 25).

O caráter psicológico da brincadeira, pela sua confluência entre fantasia e experiência, não se encontra apenas no que é observável (o ato de ninar, a ação de correr atrás de um bandido, por exemplo), mas na aquisição de características que possibilitam a leitura da realidade e a composição da personalidade do brincante, assim a brincadeira é capaz de formar “as características internas fundamentais de sua futura experiência, que a ajudará a realizar na vida o que treina através do jogo” (VIGOTSKI, 2003, p.105). Ao fazer essa

discussão sobre a brincadeira de assunção de papéis, Vigotski (2003) estabelece que a centralidade está no fato de a criança sentir aquilo que encena. “Quando brinca com bonecas, a menina não aprende a cuidar de uma criança viva, mas a se sentir mãe” (p.105). Nota-se que existe uma íntima relação entre imaginação e emoção e que essa vinculação marca os processos criadores humanos (VIGOTSKI, 2003, 2009). Em suma: “a atividade da imaginação está estreitamente ligada com o movimento de nossos sentimentos” (VIGOTSKI, 1998, p. 124) e “a imaginação é uma atividade extraordinariamente rica em momentos emocionais” (VIGOTSKI, 1998, p. 125).

Ainda sobre isso, Vigotski (1998) afirma que na brincadeira “seu motor principal é o afeto” (p. 124). Assim, a brincadeira sempre é colorida e entremeada pela emoção. É ela que traz a vivacidade e a dramaticidade encenada para o enredo composto pelas crianças. Vigotski (2003) explica que o brincar sempre desperta sentimentos intensos e vívidos e essa forma peculiar de sentir e afetar-se exerce uma função educativa ao ensinar aos pequenos a não seguir livremente os sentimentos. Por mais que uma criança se sinta impelida em uma brincadeira de polícia e ladrão, por exemplo, a prender alguns colegas pela posição que ocupa na brincadeira ela não o faz, pois consegue coordenar suas ações e sentimentos na dicotomia realidade e fantasia. Portanto, a brincadeira propicia “a primeira forma de comportamento consciente que emerge com base no instintivo e no emocional” (VIGOTSKI, 2003, p. 123). É pertinente, então, entender, conforme Vigotski (2003), que a emoção “é um poderoso organizador do comportamento” (p.118) que regula e orienta nossas ações e coloca em tensão, incita, estimula ou reprime as reações do sujeito com e na cultura. É defendido aqui, conforme também o faz Toassa (2009), que as emoções movem a criação. A brincadeira de faz de conta, além do seu viés criador e de mobilização de aspectos complexos do psiquismo infantil, ensina as crianças a manejarem e entenderem suas emoções. Pelos enredos, cenografias e personagens que compõem, as crianças (re)criam um universo de impressões do real impregnados de mobilizações dos afetos e passam a agir de forma consciente na cultura.

Emoção e imaginação, historicamente, ocuparam um lugar marginal dentro da ciência psicológica por serem considerados distantes do pensamento racional e, portanto, foram classificadas da ordem do devaneio, da loucura e do incontrolável. A emoção, por exemplo era “a ovelha negra entre os demais capítulos que integravam a psicologia da época” (VIGOTSKI, 1998, p. 79) e “o capítulo menos elaborado da velha psicologia” (VIGOTSKI, 2003, p. 113), já a imaginação “constituía um enigma insolúvel” (VIGOTSKI, 2003, p. 105). O autor reposiciona essa questão ao trazer a emoção e a imaginação da periferia para o centro

da psicologia e dedica grandes esforços nas suas obras para demonstrar que esses elementos se organizam no psiquismo enquanto unidade (SAWAIA; SILVA, 2015) e que são centrais para a passagem do ser biológico para o sujeito cultural. Toassa (2009, 2011) ao cotejar a obra vigotskiana, principalmente no que tange às questões relacionadas às emoções e às vivências, percebe que o problema da imaginação e do sentimento ocupa lugar de destaque nas teorizações deste autor, e estabelece que as explicações dessa relação são influenciadas pelo trabalho de Ribot, e pela filosofia monista de Spinoza. Sobre aquele, Vigotski (1998) estabelece que suas teorizações foram bastante frutíferas, “já que mostraram, passo a passo, que os processos da imaginação eram condicionados pelos sentimentos” (p. 109).

Uma das funções da imaginação, portanto, é emocional (VIGOTSKI, 2003), pois “a fantasia é o aparelho que realiza diretamente o trabalho de nossas emoções” (p. 155). O aspecto emocional da imaginação é explicado por Vigotski (1998) a partir do que ele denomina como lei da sensação real na atividade da fantasia ou lei da realidade emocional da imaginação (VIGOTSKI, 2009). Para o autor, a relação entre emoção e fantasia manifesta-se em duas frentes. Por um lado, os afetos agem diretamente sobre a imaginação, pois os sentimentos que a influenciam são capazes de guiar nossas impressões acerca dos objetos e das relações, “a emoção tende a se encarnar em imagens conhecidas correspondentes a esse sentimento” (p. 25). Ao sentir tristeza, por exemplo, os vínculos e as percepções se reorganizam, afinal, o olhar sobre o mundo se modifica a partir do estado emocional. Por outro, a imaginação influi nos sentimentos, já que as realidades, por meio da experiência, compõem o material semiótico da imaginação e dos sentimentos (TOASSA, 2011). Essa relação inversa entre imaginação e emoção (sentimentos influem na emoção e imaginação influi nos sentimentos) faz com que Vigotski (2009) formule postulados acerca da realidade emocional da imaginação. Para estabelecer essa premissa, o autor vale-se de Ribot e assevera que “todas as formas de imaginação criativa contêm em si elementos afetivos” (p. 28).

Pode-se explicar esse anunciado ao utilizar o exemplo clássico do medo das crianças da figura do monstro debaixo da cama. Sabe-se que monstros são alegorias fantásticas e que, portanto, não existem no mundo real e muito menos habitam o espaço entre a cama e o chão. Ao assumir uma materialidade criada pela mente e compor o universo imaginativo da criança, o medo pela criatura tenebrosa é real. Calafrios, choros, náuseas e etc. materializam-se no corpo de forma tangível. Essa lei psicológica também é capaz de explicar os sentimentos que as obras de artes, criadas pelas fantasias de seus autores, causam em seus expectadores. Por mais que se conheça o filme *Psicose* (1960), de Alfred Hitchcock, como um suspense

ficcional, é possível sentir tensão, angústia e medo na cena clássica do chuveiro. Mesmo estando diante de um evento inverídico e fantástico, orquestrado por um autor, as “emoções provocadas pelas imagens artísticas fantásticas das páginas de um livro ou do palco de um teatro são completamente reais e vividas por nós de verdade, franca e profundamente” (VIGOTSKI, 2009, p. 29).

As brincadeiras infantis também podem ilustrar essa constatação. A partir dessa lei pode-se afirmar que a estrutura do processo imaginativo das crianças – seu enredo, personagens e objetos – pode revelar-se irreal nas brincadeiras de faz de conta, mas os sentimentos que produzem são reais, realmente vivenciados por quem brinca. Ao analisar racionalmente o episódio com o enredo de polícia e ladrão, por exemplo, na materialidade da vida concreta os brincantes são crianças e, portanto, efetivamente não podem ser um policial e nem exercer as atividades inerentes a essa profissão – não é possível manejar uma arma, prender bandidos, dirigir uma viatura ou acessar um batalhão. Assim sendo, o enredo criado pelas crianças é composto por características irreais e ilusórias, mas Vigotski (1998) salienta que ele se torna verossímil, pois “é real no sentido emocional” (p. 124). É na dialética irrealidade concreta *versus* realidade emocional que a brincadeira se organiza e materializa-se no espaço que ocupa. A criança, de fato, não é um policial, mas sente-se como um, os sentimentos que o brincar suscita são vivenciados de forma verdadeira por aqueles que brincam.

É defendido, até então, a centralidade da imaginação como sistema psicológico na formação do psiquismo humano, sinalizando como exemplo o brincar no desenvolvimento infantil. Parece consenso, entre os principais teóricos da psicologia do desenvolvimento que se filiam ao marxismo (VIGOTSKI, 1998, 2008; WALLON, 2007, 2015), que o brincar possibilita as crianças ações que vão além das percepções imediatas do real, alargando suas funções cognitivas na medida que possibilitam generalizações, abstrações, etc. Também concorda-se com Petrovsky (2007) que na infância a imaginação “se mostra como uma das condições mais importantes para a assimilação da experiência social” (2017, p. 193) que vai se reorganizando e assumindo outros contornos ao longo da ontogênese.

Ao defender que a experiência é o motor propulsor da imaginação e, conseqüentemente, da produção das atividades criadoras, Vigotski (2009) formula que, para elas ocorrerem, há dependência direta “da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia” (p. 22). É a partir dessa premissa que o autor constata na imaginação infantil, se

comparada a de um adulto, a presença de elementos qualitativamente distintos no que diz respeito à qualidade produtiva das combinações⁹ que impulsionam a criação.

Isso se explica, pois as experiências das crianças estão em um processo contínuo de alargamento. Paulatinamente, vão tendo acesso ao mundo cultural, em seus instrumentos e signos, propiciando uma expansão do arsenal de imagens retidas na memória e também uma maior organização-experimentação dos sentimentos. Ao conhecerem o mundo e tudo que nele contém, fruto do desenvolvimento histórico da humanidade, seus interesses vão se complexificando, tornando o material que compõe a imaginação mais rico e diversificado.

Os contornos da imaginação na adolescência

A relação com a imaginação também se modifica ao longo das fases do desenvolvimento humano. Na infância há uma maior liberdade na sua operacionalização e nas crianças, por sua conduta ser regida por linhas mais imprevisíveis¹⁰, é mais comum a externalização das atividades criadoras (principalmente o brincar, desenhar e narrar). Porém, “a viva fantasia infantil não está determinada pela riqueza e abundância das suas representações, mas se deve a uma maior intensidade de sentimentos, a sua maior excitabilidade [...] e a falta de espírito crítico” (VYGOTSKI, 2012, p. 2018). Em síntese: “a criança é capaz de imaginar bem menos do que o adulto, mas ela confia mais nos produtos da sua imaginação e os controla menos” (VIGOTSKI, 2009, p. 46). Na medida que o sujeito vai se desenvolvendo, dialeticamente nas dimensões da maturação biológica e da complexificação social do psiquismo, há uma “potente ascensão da imaginação” (VIGOTSKI, 2009, p.45) que coincide com a adolescência (também chamada de idade de transição¹¹ nos escritos vigotkianos).

Outra diferença diz respeito as formas como crianças e adolescentes racionalizam as imagens, ou seja, as representações imaginativas. Aquelas, principalmente as mais novas,

⁹ A imaginação, conforme já expomos, desloca-se da memória, mas não se opõe a ela. Para que aquela ocorra é necessário o apoio desta, que armazena experiências e sentimentos que, combinados, são a base da atividade criadora. Partimos do princípio de que existem especificidades em cada função psicológica mediadas, mas essas não atuam como entes autônomos, mas de forma sistêmica.

¹⁰ Sobre isso, Vigotski (2003) explica que nessa faixa etária a criança “ainda não elaborou a força moderadora que regula seu comportamento. Sua fantasia não conhece a repressão nem o autocontrole e é extremamente impulsiva” (p. 156).

¹¹ Vigotski (2009) demarca que a idade de transição se caracteriza por uma série de relações contraditórias e polarizadas, sendo “a idade da transgressão do equilíbrio do organismo infantil e do equilíbrio ainda não encontrado do organismo maduro” (p. 48).

operam por meio de imagens eidéticas¹² visual-diretas, pois “suas lembranças, sua imaginação e seu pensamento ainda reproduzem diretamente a percepção real com toda a plenitude da vivência, com toda a abundância de detalhes concretos” (VYGOTSKI, 2012, p. 210). Com a emergência do pensamento por conceitos, característico da adolescência, a atividade imaginativa conduzida por imagens eidéticas reconfigura-se gradualmente, assumindo outras características e funções, ou seja, “como todas as demais funções, a imaginação do adolescente se modifica e se reconstrói sobre uma nova base sob a influência do pensamento em conceitos” (VYGOTSKI, 2012, p. 209). Essa mudança, considerada por Vigotski como a mais essencial que experimenta a imaginação na idade de transição, “significa a passagem do pensamento concreto, visual-direto ao pensamento em conceitos¹³” (VYGOTSKI, 2012, p. 210) e “consiste em que se libera das imagens puramente concretas e opera com elementos do pensamento abstrato” (VYGOTSKI, 2012, p. 213).

Nesse período ocorre uma profunda reestruturação do psiquismo, em relação a imaginação, em específico, de subjetiva passa a ser objetiva (VIGOTSKI, 2009). Essa questão é aprofundada por Rubinstein (1973) quando explica que a primeira está “pouco submetida ao controle crítico do pensamento, que capta mal a realidade, revestindo-se de um véu fantástico” (p. 118). Em contrapartida, a segunda é crítica e realista e “não se submete incontrolavelmente à subjectividade do sentimento” (RUBINSTEIN, 1973, p. 118) e no que tange a transformação da realidade, orienta-se a partir de “normas e tendências na evolução da realidade objectiva” (p. 118).

Esse processo de reestruturação é marcado por rupturas, transgressões e busca de um novo equilíbrio e verifica-se que “a atividade da imaginação, na forma como se manifestava na infância, retrai-se na adolescência” (VIGOTSKI, 2009, p. 48). Esse fato é perceptível, por exemplo, ao analisar as produções infantis. Em determinada idade, por volta dos 10-12 anos, o desenho deixa de ser uma predileção, salvo em casos específicos, e torna-se atividade esporádica. O abandono desse interesse acontece porque a criança passa a ter uma relação crítica com seu desenho, “os esquemas infantis deixam de satisfazê-la; eles parecem-lhe por demais objetivos e ela chega à conclusão de que não sabe desenhar, pondo de lado o desenho” (VIGOTSKI, 2009, p. 49).

¹²“Geralmente classifica-se como imagens eidéticas as representações visuais-diretas que a criança reproduz com alucinadora clareza depois de ter percebido uma situação visual-direta ou um quadro” (VYGOTSKI, 2012, p. 209).

¹³ Vigotski (2012) salienta que com o advento do pensamento abstrato o pensamento visual-direto, ou concreto, não desaparece por completo da vida intelectual do adolescente, mas “somente se desloca a outro setor” (p. 214).

No período da adolescência há uma contradição nos processos imaginativos, pois os conteúdos das atividades criadoras típicas desse período (principalmente as que envolvem narrativa e literatura) são impregnadas de conteúdo sensível e íntimo com fortes marcas subjetivas. Dessa forma, gradualmente, vai seguindo pela “linha de atrofia de seus momentos subjetivos e pela linha de crescimento e consolidação dos momentos objetivos” (VIGOTSKI, 2008, p. 49). O que se ergue de novo no desenvolvimento da imaginação do adolescente é que ela se intelectualiza devido ao seu entrelaçamento ao pensamento por conceitos, assim “se integra no sistema de atividade intelectual e começa a desempenhar uma função totalmente nova da personalidade do adolescente” (VYGOTSKI, 2012, p. 208) e “a fantasia e o pensamento se aproximam, e a imaginação do adolescente começa a se apoiar nos conceitos”¹⁴ (VYGOTSKI, 2012, p. 213). Dessa forma, duas linhas de desenvolvimento que até então seguiam caminhos separados se interceptam na idade de transição e seguem, a partir de então, em estreita conexão.

Vigotski, interessado em encontrar o marco zero da imaginação e da atividade criadora, visita dados clínicos de pacientes com diagnóstico de afasia¹⁵ que não conseguiam operar pelo ilusório – um deles, por exemplo, em uma conversa ocorrida em um dia ensolarado e com temperatura amena, era incapaz de dizer que hoje o tempo estava mal e chuvoso. A partir dessas análises psicopatológicas, o teórico chega à seguinte conclusão: enfermos que padecem de graves alterações em “funções intelectuais superiores estruturadas na base da linguagem e do pensamento em conceitos demonstram a mesma dependência evidente das percepções diretas, concretas” (VYGOTSKI, 2012, p. 205) ou ainda “com a perda da linguagem como meio de formação de conceitos, desaparece também a imaginação” (VYGOTSKI, 2012, p. 219).

O problema central que essa afirmativa revela é da falta de liberdade, pois um homem sem a habilidade de fazer algo que não esteja vinculado diretamente às situações concretas é incapaz de criar nas mais diversas esferas da vida social. Nos casos analisados por Vigotski era notório o aprisionamento dos sujeitos às situações reais vinculadas ao campo perceptivo imediato. Nesse sentido, o indivíduo é o único ser que tem liberdade para fazer coisas aparentemente sem sentido ou a entrar em conflito com as necessidades próprias da espécie. Luria (1991) exemplifica esses casos de total independência consciente dos sujeitos nos casos

¹⁴ É mister salientar, conforme faz Vigotski (2012), que essa aproximação não significa uma fusão ou integração da imaginação ao pensamento.

¹⁵ Vigotski (2017) assim conceitua afasia: “a pessoa que se desconectou da linguagem”.

de heroísmo patriótico na qual se lançam à morte sob tanques ou ataques de inimigos¹⁶. Para Vigotski (2009) é a liberdade um dos princípios que distingue a pessoa dos demais animais e encontra sua base no domínio do próprio comportamento. A chave para entender essa questão encontra-se no pensamento por conceitos que “está relacionado com a liberdade e a intenção da ação” (VYGOTSKI, 2012, p. 207).

Assim, a imaginação e as atividades criadoras relacionam-se a livre elaboração e acesso aos elementos da experiência e sua livre combinação exige uma premissa indispensável: “a liberdade interna do pensamento, da ação, do conhecimento que alcançaram somente aqueles que dominam a formação dos conceitos” (VYGOTSKI, 2012, p. 207).

Conclusões

Em síntese, para a Teoria Histórico-Cultural a especificidade do humano deve-se “ao fato da atividade dos homens, ao contrário da dos animais, ser criadora” (LEONTIEV, 1980, p. 44). No indivíduo, por exemplo, a ação e o resultado do trabalho são sempre projetados-antecipados na consciência antes de serem efetivados na materialidade. Portanto, possuem a capacidade de idear (imaginar ideias) antes de objetivar (materializar). Se “o animal se contenta com o desenvolvimento da natureza, o homem constrói a sua natureza (LEONTIEV, 1980, p. 270) por meio da imaginação e das capacidades de atuar com imagens mentais e de planejar idealmente o futuro.

A inclusão das operações simbólicas é o que possibilita a aparição de um campo psicológico de estruturação completamente novo, que se liberta das amarras situacionais do campo imediato-concreto e dirige-se para “o esboço do futuro e cria, portanto, uma ação livre, independente da situação imediata” (VYGOTSKI, 2017, p. 55). Ao adquirir a capacidade de imaginar o indivíduo passou a representar no pensamento os fenômenos do mundo que o cerca adquirindo a capacidade de criar meios técnicos (instrumentos) e simbólicos (signos) para agir sobre a natureza e objetivar sua existência.

A condição humana, essencialmente e ontologicamente, se vincula aos processos imaginativos, pois ao criar estratégias intencionais de sobrevivência e ação sobre a natureza o indivíduo torna-se capaz de operar psiquicamente por meio da produção, reprodução e criação de imagens. Nessa direção, Pino em vários dos seus trabalhos assevera que: “[...] em última

¹⁶ Sobre isso Vigotski (2012) explica que os demais animais não podem realizar operações sem sentido e atuam regidos por impulsos próprios e estímulos externos, “não pode realizar uma operação volitiva, intencionada, livre, que não tem sentido desde o ponto de vista da situação” (p. 207).

instância, o imaginário é o que define a condição humana do homem” (2005, p. 49) e que “a emergência da consciência é um fenômeno historicamente situado e ligado à atividade criadora do homem” (2018, p. 231). Ou ainda, em Vigotski: “a criação é condição necessária à existência” (2009, p. 16). A partir dessas características, e na busca de compreender de maneira apropriada a constituição psicológica do humano, julga-se essencial abordar a centralidade da imaginação nesse processo ao longo do desenvolvimento ontogenético, tal qual delineamos ao longo deste trabalho.

Referências

LEONTIEV, Alexei. O homem e a cultura. In: ENGELS, Friedrich (*et. al*). **O papel da cultura nas ciências sociais**. Porto Alegre: Editorial Vila Martha, (pp. 37-72), 1980.

LURIA, Alexe. **Curso de Psicologia Geral** – Introdução Evolucionista à Psicologia. Volume I. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MUKHINA, Valéria. **Psicologia da idade pré-escolar**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PETROVSKY, Alexis. A imaginação. In: LONGAREZI, Andréa; PUENTES, Roberto. **Ensino desenvolvimento – Antologia** – Livro 01. Uberlândia: EDUFU, (pp. 181-198), 2017.

PINO, Angel. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vigotski**. São Paulo: Cortez. 2005.

PINO, Angel. As marcas do humano: pistas para o conhecimento da nossa identidade pessoal. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 39, n. 142, p. 227-236, Janeiro, 2018.

RUBINSTEIN, Serguei. **Princípios de psicologia geral** – volume IV. Lisboa, Editorial Estampa, 1973.

SAWAIA, Bader; SILVA, Daniele Nunes. Pelo reencantamento da Psicologia: em busca da positividade epistemológica da imaginação e da emoção no desenvolvimento humano. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 35, n. spe, p. 343-360, dez. 2015.

TOASSA, Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski**. Campinas: Papirus, 2011.

TOASSA, Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural**. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Teoria e método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, junho, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Editora Ática, 2009.

VYGOTSKI, Lev Semionovich. **Obras Escogidas IV** – Paidología del adolescente – Problemas de la psicologia infantil. Madrid: Machado Libros, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Obras Escogidas VI** – Herencia científica. Madrid: Machado Libros, 2017.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

Recebido em: 30 de outubro de 2021.

Aprovado em: 21 de dezembro de 2021.